

Da canoa que não se rema só: performance, corpo e xamanismo na cena contemporânea¹

Luiz Davi Vieira Gonçalves
Universidade do Estado do Amazonas UEA – AM
Performance; corpo; xamanismo.

Primeiro Sopro – dos afetos na prática ritual

A performance, o corpo e o xamanismo estão presentes em grande parte da literatura antropológica e artística nos tempos atuais, haja vista o número de trabalhos publicados nos anais de eventos acadêmicos, revistas especializadas e produções de dissertações, teses e artigos nos últimos anos (Sàez, 2018; Miranda et al, 2022). Todavia, a performance, o corpo e o xamanismo são campos pantanosos de compreensão diante das múltiplas abordagens historicamente disponíveis, neste sentido, seguro do embaraçamento que os temas podem causar, esta proposta tem como objetivo em direção da experiência *in loco* com os temas, ou seja este artigo visa compartilhar o desenvolvimento das performances *Ûhpü* e *Ukuse Bahse Merice* realizadas pelo grupo de pesquisa Tabihuni-Am em parceria com indígenas *Ye'pá mahsã* (Tukano), Huni Kuin e Dessana e, assim, contribuir como vetor das produções do norte alicerçadas na relação do indígena com o não indígena.

O Instituto de Pesquisa Tabihuni - IPT, é uma associação civil de cunho Artístico, Social, Educacional e Cultural, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, fundado em 18 de fevereiro de 2022. O Instituto nasce da história construída a partir do “Tabihuni: Núcleo de Pesquisa e Experimentações das Teatralidades Contemporâneas e suas Interfaces Pedagógicas” CNPq/ESAT-UEA, criado em 2014 e atuante até os tempos atuais.

Tabihuni significa força do vento na língua deni (dani). A língua deni (dani) foi classificada como membro do ramo Arauá do grupo Aruak. A referida língua é falada por grupos de povos indígenas que vivem perto dos rios Cunhuá (Tapauá), Xeruã e Inauini, afluentes dos rios Purus e Juruá, no Estado do Amazonas. O Instituto tem como finalidades precípuas, conforme consta em seu estatuto, desenvolver pesquisas teóricas e

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião de Antropologia (Ano: 2024).

práticas sobre temas como Performance arte, Performance-ritual e Antropologia da Performance, tendo como referência o Corpo na Arte Contemporânea e as suas interfaces artísticas (Dança, Teatro, Artes Visuais, Música, Circo etc.), interculturais (Ribeirinhos, Povos Indígenas, Quilombolas etc.) e pedagógicas, propondo o diálogo com os povos tradicionais da/na Amazônia. O pilar central de nossos objetivos é valorizar os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, ribeirinhos e tradicionais da Amazônia em geral e região Metropolitana de Manaus, proporcionar atividades culturais na relação simétrica com populações tradicionais, fomentar a relação interétnica, fomentar a relação entre artistas não indígenas com indígenas e fomentar o campo de criação artística entre povos indígenas e artistas.

Neste sentido, aqui apresentado, nos últimos anos o Tabihuni vem desenvolvendo várias atividades² e o processo de criação das performances *Ühpü* e *Ukuse* destacaram-se pela forma simétrica de criação entre indígenas e não indígenas na prática do xamanismo, onde foi-se necessário o aprofundamento sobre o conhecimento da noção de corpo para os indígenas e, sobretudo a entrega dos não indígenas nas práticas rituais de cura, onde as desconstruções pessoais foram marcantes para o aprofundamento do afeto com as medicinas indígenas (GONCALVES, 2024).

A experiência de imersão nos rituais junto com os indígenas proporcionou aos artistas do grupo Tabihuni uma qualidade de presença guiada pelas medicinas indígenas: rapé, ayahuasca e sananga, sempre com orientação realizadas pelos pajés que participaram dos processos criativos e, no mergulho nos rituais, os corpos dos integrantes foram engendrados pela experiência ritual.

O rapé é feito da mistura de tabaco, folhas e cinzas de árvores da Amazônia, preparado em um pó fino que leva o cheiro das ervas usadas, sendo que cada grupo étnico tem o seu modo específico de produzi-lo e cada pajé tem os guias espirituais que ditam as formas de preparação e benzimentos. Já a ayahuasca é feita da combinação do cipó de Mariri (*Banisteriopsis caapi*) e das folhas da chacrona (*Psychotria viridis*), originária da floresta Amazônica. Quando fervidas, produzem um líquido escuro de cor. A preparação dela também leva características específicas de quem está preparando; etnia, objetivo de ritual, formação como *kumu*, podendo demorar dias para ficar pronta. E a sananga ou o colírio da Floresta Amazônica, como é conhecida, é feita por meio da extração do sumo

² Os projetos e todas as atividades aqui citadas do Instituto de Pesquisa Tabihuni – IPT podem ser encontradas no site www.tabihuni.com.br e instagram @tabihuni4

da planta Tabernaemontana Sananho. Em sua preparação, é adicionada água e batido, até dissolver, o reagente chamado de Ibogaína e diferentemente das outras medicinas, a sananga, nos rituais que o grupo participou, é aplicada apenas uma vez durante as cerimônias (GONCALVES, 2021).

Nas experiências rituais para a construção das performances o corpo se tornou o ponto central de diálogo, isto é, fomos convidados a perceber e entender nosso corpo a partir de uma percepção ampliada na prática do xamanismo *Ye'pá mahsã* (Tukano) que na língua indígena é *bahsesé*.

O *bahsesé* é a prática de prevenção e cura de doenças do povo *Ye'pá mahsã* (Tukano) e foi um dos rituais cujo os integrantes do Tabihuni participaram com o objetivo de engendramento do corpo com as medicinas indígenas, todavia, como relata João Paulo passamos por uma transformação que não imaginávamos no planejamento inicial, ou seja, nosso corpo, nossa percepção do eu, passou por uma transformação durante as experiências. As imersões nos rituais também foram fundamentais para o entendimento de como poderíamos trabalhar juntos com os indígenas. Assim, afetados pelas participações nos rituais a performance *Ühpü* e *Ukuse* foram elaboradas.

Segundo Sopro – As performances *Ühpü* e *Ukuse Bahse Merice*

“Nós ensinamos vocês a tocarem Kariçu e vocês nos ensinam a tocar violão!

João Paulo Lima Barreto (2021, p. 167)

A *Performance-Ritual Ühpü* tem a direção assinada pelos indígenas Bu'u Kennedy da etnia *Ye'pá mahsã* (Tukano) e Chris TK, da etnia Huni Kuin (Kaxinawa) e está em curso até os tempos atuais com sua segunda montagem. Neste percurso, participamos dos seguintes eventos: Festival de Teatro de Curitiba (2024), Mostra de Teatro Interdisciplinar de Teatro da UEA (2024), 32 FITUB (2021), FETO (2021), Desmonte (2021), XIV MTA (2021), PAN (2020), FESTU (2020), FUGA (2020), VI Arcanos (2019), Povos da Amazônia (2019) e IV Transfronteiras (2019). Já em referência às análises bibliográficas, o *Ühpü* foi tema dos artigos: “Performance-ritual *Ühpü*: o indígena e o não indígena juntos na cena decolonial” (2021), publicado na Revista

Moringa – UFPB³, e o “Oficina de florestas: Tupi or not Tupi, that is the question” (2021)⁴, publicado na Revista Sala Preta – USP; além disso, no livro *Do Sopro ao Afeto: corpos kōkāmou na experiência xamânica* (2022), o último capítulo cita o *Ūhpū* como exemplo de trabalho simétrico com os povos indígenas no campos das Artes da Cena.

O processo de imersão no xamanismo para a criação da performance foi além do que todo o grupo imaginava. Percebemos na prática que a experiência xamânica nos levou muito além da montagem cênica, mas sim para uma transmutação do eu:

O processo de criação da performance-ritual *Ūhpū*, desenvolvida pelo grupo de pesquisa Tabihuni, demonstrou a importância da relação *kōkāmou* – juntos(as) entre os artistas indígenas e não indígenas. Sendo os indígenas os detentores do conhecimento tradicional acerca dos espíritos e curas e os não indígenas disponíveis para a experiência. Consequentemente, fizeram com que os planos fossem completamente transformados através dos afetos simétricos com a percepção imaterial dos corpos no espaço e uma composição estética impoluta sem qualquer máscara e/ou marcações, indo ao encontro do que Walter D Mignolo (2014) chama de gesto decolonial. Assim, chegamos à conclusão de que a criação artística, que tem como pilar a experiência simétrica entre indígenas e não indígenas no ritual xamânico, é um ato decolonial da cena contemporânea, cujo caminho percorrido pelo grupo e por seus integrantes ficou sendo marcado por movimentos de cura interior e não apenas uma montagem de espetáculo com prazo de validade. Mesmo que a performance-ritual *Ūhpū* venha a ser paralisada, a transmutação e cura do corpo de todos os integrantes estão como marca principal desta relação *kōkāmou*, que, com toda certeza, como mostram os relatos, seguirá no corpo, nos corpos, materiais e imateriais. (Gonçalves, 2021, p. 28-29).

Vale destacar que durante o planejamento inicial estruturamos a pesquisa com pilares conceituais da performance arte (Féral, 2015; Goldberg, 2006), no entanto, processo de criação nos ensinou a ver a cena como um gesto decolonial, pois as marcações e diretrizes do teatro eurocêntrico ficaram em desuso diante da potência dos conhecimentos indígenas. Neste lugar, encontramos uma expressividade correspondente ao nosso afeto com as epistemologias indígenas; corpos transmutados pelas danças, pelos cantos e, principalmente, pelas medicinas e, assim, definimos a experiência como *Performance-Ritual* – um encontro simétrico da arte com o ritual e de artistas não indígenas com indígenas xamãs.

³ Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/59956>

⁴ Disponível em <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/185074>

Foto: Performance-ritual *Ühpü* no Festival de Teatro de Curitiba 2024



Fonte: Acervo do grupo Tabihuni

Diante das experiências imateriais nas práticas dos rituais, percebemos que iríamos acessar um lugar desconhecido no campo espiritual para o grupo até aquele momento da existência do grupo. A experiência com o xamanismo conduzido pelo Bu'u Kennedy nos solicitava total entrega individual e coletiva, ou seja, a do grupo e também a pessoal com profundidades impolutas. Mesmo assim, aceitamos o desafio, colocando-nos completamente entregues a ponto de ver nossas expectativas se desconfigurarem, corroborando com a pesquisadora Favret-Saada (apud Siqueira, 2005, p. 158): “Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer”. E, desta forma, acordamos com o Bu'u em colocarmos nossos corpos disponíveis para os contatos espirituais conduzidos por ele no ritual de xamanismo.

A disponibilidade combinada entre indígena e não indígena dentro do xamanismo nos colocou, logo nas primeiras inserções, em estados emocionais que nos proporcionaram uma transmutação do corpo. Cada integrante acessou emoções íntimas, que nos levaram a refletir acerca de nossa existência enquanto artistas lidando com o ritual de xamanismo. Neste campo de reflexão, que nos atravessa até os tempos atuais, começou a performance-ritual *Ühpü*, onde a palavra *Ühpü*, segundo o Bu'u, vem da língua *Ye'pá Mahsã*, que é falada por sua família, e significa “corpo”, nome escolhido em

virtude da proposta de levar em consideração o estado que o corpo pode alcançar durante as cerimônias. E, o estado para o povo *Ye'pá Mahsã* é definida pelo indígena doutor em antropologia João Paulo Lima Barreto:

Quando nós povos indígenas tratamos e olhamos o nosso corpo olhamos a partir do nosso ponto de vista de transformação. O corpo está em constante transformação. Uma das coisas que eu levantei na minha tese⁵ é exatamente como nós povos indígenas compreendemos e conceituamos o corpo, cheguei a uma questão que o corpo do ponto de vista indígena é a síntese de todos os elementos, os nossos especialistas kumuã falam que o corpo é constituído de vida água, quando digo água, não é água que a gente conhece, é a água na sua essência, vida animal na sua essência, vida vegetal, vida luz, vida ar, vida terra. Essa noção de constituição desses elementos como elemento do corpo é fundamental, é onde os nossos especialistas lançam mão para transformar o corpo, então bahsesé como arte é exatamente transformar o corpo pelo poder da palavra, pela formação que os especialistas tem, portanto para nós a oralidade é importante, falar para nós não é qualquer coisa, é a palavra que transforma, é a palavra que destrói, é a palavra que constrói, o poder da palavra é super importante, portanto a arte do bahsesé (BARRETO, 2021, p. 12-13).

Portanto, a performance-ritual *Ühpü* nos proporcionou o encontro com o nosso eu a partir dos afetos com os rituais e, nesta experiência, resolvemos junto com os indígenas estamos todos juntos nos “palcos”⁶ das artes da cena participando de diversos festivais conforme relatado anteriormente. As medicinas indígenas abriram campos sinestésicos de nossas percepções e o exercício do *Ühpü* foi compartilhar essa experiência com o público de arte.

Por outro lado, a performance *Ukuse: Bahse Merice* (2021), que na língua falada pelo povo *Yepa Mashã* – Tukano, significa “diálogos: arte e bahsesé”, foi desenvolvida em parceria com toda equipe indígena do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi. A proposta nasceu do desejo de artistas e indígenas em estabelecer um diálogo simétrico, no qual poderíamos visualizar uma maneira de trabalharmos juntos de forma verdadeira e responsável com a cosmologia *Yepa Mashã* – Tukano. Sobretudo, pensar uma forma de como pessoas em geral, como um público de arte, um público de teatro etc., poderiam conhecer e ter acesso ao *Bahsesé* – prática de prevenção e cura de doenças, feito pelos *Kumuã* - pajés do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi.

⁵ *Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro.* Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8289/5/Tese_Jo%C3%A3o%20Paulo_PPGAS.pdf
Acesso em: abr. 2022.

⁶ As aspas são para sinalizar que esse palco é uma noção expandida do local de apresentação.

Para os primeiros passos serem instaurados, além da imersão na prática do *bahsesé*, foram realizadas rodas de conversas entre os indígenas especialistas na prática de cura e prevenção de doenças junto com não indígenas. Tais rodas contavam com a participação dos integrantes do Tabihuni: Luiz Davi Vieira Gonçalves, Viviane Palandi, Lia Mandelsberg Monteiro e Jeferson Bastos de Souza com os indígenas do CMI Bahserikowi: Ivan Menezes Barreto, Carla Fernandes Wihsu, João Paulo Lima Barreto e os *Kumuã* Dorvalino Fernandes e Anacleto Lima Barreto. Vale destacar que, nesta etapa inicial, as atividades foram realizadas com verba captada pelo edital Programa Cultura Criativa – 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana do Governo do Estado do Amazonas, com o apoio do Governo Federal, por meio do Ministério do Turismo e da Secretaria Especial da Cultura, Fundo Nacional da Cultura.

As rodas de conversas⁷ proporcionaram, de um lado (o dos não indígenas), o entendimento das possibilidades de utilização do *bahsesé* para uma cena, e do outro lado (o dos indígenas), a compreensão do movimento da arte contemporânea, dos caminhos criativos em arte e dos interesses dos não indígenas com a prática do *bahsesé* voltado para uma “encenação”⁸. Neste sentido, retorno à epígrafe utilizada para abrir este tópico do artigo, em que se destaca uma fala do João Paulo Barreto *Yepa Mashã* publicada no livro *Diálogos: Arte e Bahsesé – Ukuse: bahse merise* (2021, p. 167) “Nós ensinamos vocês a tocarem Kariçu e vocês nos ensinam a tocar violão”.

A experiência *Ukuse* constitui-se com a presença de indígenas *Kumuã* (especialistas em *bahsesé*), indígenas *Yepa Mashã* e não indígenas em uma experiência aberta para um público que oscilou entre dez e trinta pessoas. Na experiência, os *Kumuã* faziam o *bahsesé*, os indígenas explicavam a prática às pessoas presentes no local e davam suporte aos *Kumuã* com cantos, execução de instrumentos e apoio aos não indígenas que iam chegando ao local. Já os não indígenas, durante a experiência faziam relatos de seus processos de cura com a prática ali demonstrada, ou seja, um diálogo simétrico na experiência *bahsesé*.

Portanto, a performance *Ukuse: Bahse Merice* proporcionou, em parceria com os indígenas do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi, a possibilidade de relatar nossos processos de cura com o *bahsesé* enquanto os indígenas explicavam os procedimentos

⁷ Como fruto das rodas de conversas foi publicado o livro *Diálogos: arte e bahsesé – Ukuse: bahse merice* (2021).

⁸ Usa as aspas para sinalizar que o conceito de encenação, na prática do *ukuse* vai além dos formatos eurocentrados, tornando-se um local de experiência ritual.

utilizados. E, nesta qualidade de presença, percebemos com a presença do público que o *Ukuse*, diferente do *Ühpiü*, tornou-se uma performance para ficar no espaço intimista do CMI Bahserikowi, sua força foi estabelecida também pelo espaço ritual dos próprios indígenas e conseqüentemente o trabalho não foi colocado em circulação no eixo de eventos artísticos.

Foto: performance *Ukuse: Bahse Merice*



Fonte: Acervo do grupo

Por fim, a experiência do *Ukuse* foi marcada pelos longos e profundos diálogos entre indígenas especialistas da prática bahsesé e artistas do Tabihuni, onde as rodas de conversas e uso das medicinas puderam engendrar o afeto e confiança sobre o processo de caminhar juntos, seja nas escritas de artigos, livros e elaborações de performances. Assim, tanto indígenas como não indígenas, fazendo-se entender que não se tratava de um projeto específico, mas de projeto de vida, pois todos os participantes tiveram, além da experiência de estar juntos, curas que marcaram suas vidas, um exercício de entregar-se ao desconhecido e relacionar os conhecimentos e visões cosmológicas dos diferentes mundos – do outro e do eu.

Terceiro Sopro - Considerações em processo para o céu não cair

Os trabalhos *Ühpü e Ukuse Bahse Merice*, realizados pelo Instituto de Pesquisa Tabihuni – IPT em parceria com indígenas conforme foi apresentado, demonstrou exemplos metodológicos, possibilidades estéticas e formas de afetação com rituais unindo indígenas e não indígenas na arte contemporânea de forma simétrica, onde os conhecimentos de ambas as culturas envolvidas são engendrados pelos pilares da experiência ritual. A performance-ritual *Ühpü* e a experiência *Ukuse Bahse Merice*, foram elaboradas tendo como base o mesmo prisma, ou seja, o ritual de xamanismo, onde o corpo convocado para ser o centro das percepções em uma compreensão expandida pela noção indígena. Todavia, vale ressaltar, que cada experiência teve seu percurso de vida distintos, sendo que, enquanto o *Ühpü* ficou palpável para seguir caminhando pelos festivais de teatro pelo Brasil com seus elementos corporais, sensoriais e ritualísticos, o *Ukuse* diante da decisão tomada pelos integrantes indígenas e não indígenas ficou enraizado nos espaços do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi localizado na cidade de Manaus com o objetivo de chamar o público para conhecer e se afetar com o espaço ritual originário para os indígenas.

Sem sombra de dúvida, foram experiências que afetaram todos os envolvidos de tal forma que desde as primeiras reuniões, há cerca de dez anos até os tempos atuais, as experiências com as medicinas continuam presentes na vida de grande maioria dos envolvidos. Como sempre conversamos durante os últimos anos, os não indígenas estão em um processo de tukanização, isto é, foram convidados pelos indígenas a se afetarem ao ponto de terem sua corporeidade transmutada e, aqui destacamos que essa noção de corpo é um conjunto de elementos, conforme entendemos aqui pelos alfarrábios do indígena João Paulo Barreto, por outro lado, os indígenas especialistas como os *kumuã* – pajés e indígenas que participaram das experiências, também tiveram a oportunidade de caminhar no mundo outro, como em festivais de teatro, escritas de livros e artigos, eventos acadêmicos e artísticos entre outras oportunidades⁹. Assim, a experiência foi construída de forma simétrica acolhendo os desafios, dificuldades e alegrias.

Portanto, essas considerações em processos são notas para o céu não cair, onde parafraseando o livro: *A Queda do Céu* do líder indígena Davi Kopenawa Yanomami e o

⁹ Essa produção pode ser encontrada no site do Instituto de Pesquisa Tabihuni – IPT, nos currículos dos envolvidos e também no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi na cidade de Manaus.

antropólogo Bruce Albert (2015), temos como objetivo propor para o campo dos estudos da performance uma contribuição que visa refletir sobre os desafios de se colocar diferentes culturas na experiência ritual com o objetivo de surfar com as lentes dos campos pantanosos dos estudos da performance. Isto é, vamos performar juntos de forma simétrica para o céu não cair.

REFERÊNCIAS

Albert, Bruce; Kopenawa, Davi. *A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami*. Ed. Companhia das Letras. 2015

Barreto, João Paulo Lima. *Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

Barreto, João Paulo; Ivan. M. Barreto; Luiz Davi Vieira Gonçalves; Viviane Palandi (org). *Diálogos: Arte e Bahsesé - Ukuse: Bhasé Merise*. Manaus: Editora Mamoeiro, 2021.

Féral, Josette. *Além dos Limites: teoria e prática do teatro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

Goldberg, Roselee. *A arte da performance: do futurismo ao presente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Gonçalves, Luiz Davi Vieira. *Oficina de florestas: Tupi or not Tupi, that is the question*. Revista Sala Preta, 20(2), 185-196, 2021.

Gonçalves, Luiz Davi Vieira. *Performance-ritual Ühpü: o indígena e o não indígena juntos na cena decolonial*. Revista MORINGA - Artes do Espetáculo, v. 12, 11-31, 2021.

Gonçalves, Luiz Davi Vieira. *Do Sopro ao Afeto: corpos kōkāmou na experiência xamânica*. 2º ed. São Paulo: Hucitec, 2024.

Miranda, Maria Brígida de; Franzoni, Tereza Mara; Hartmann, Luciana; Montardo, Deise Lucy; Gonçalves, Luiz Davi Vieira; Chamorro, Graciela; Jesus, Naine Terena de. Dossiê Temático II: *As artes da cena dos e com os povos indígenas*. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 43, p. 1–7, 2022.

Sáez, Óscar Calavia. *Xamanismo nas terras baixas: 1996-2016*. BIB - Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais, V. 1, nº 87, p. 15–40, 2018.

Siqueira, Paula. “*Ser afetado*”, de Jeanne Favret-Saada. Cadernos de Campo (São Paulo 1991), v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.